

Um olhar semiótico sobre as figuras de comunhão: o intertexto como um mecanismo narrativo

(A semiotic look at the figures of communion:
the intertext as a narrative mechanism)

Márcia Regina Curado Pereira Mariano¹

¹Departamento de Letras - Universidade Federal de Sergipe (UFS)

ma.rcpmariano@gmail.com

Abstract: In this work we continue the discussions we began in our thesis by reviewing the argumentation and the rhetoric figures from the point of view of Greimas' Semiotics Theory. We take as first point the typology proposed by Perelman and Olbrechts-Tyteca to classify argumentative and discursive strategies in order to observe not only their meaning effects on discourse but their functions in texts constructions as well. Quotation and others intertextuality forms were the chosen mechanisms to illustrate the narrative functions of argumentation.

Keywords: argumentation and rhetoric figures; intertextuality; Semiotics.

Resumo: Neste trabalho damos continuidade às reflexões iniciadas durante a elaboração de nossa tese e repensamos as figuras de argumentação e retórica à luz da Semiótica Narrativa e Discursiva de Greimas. Tomamos como ponto de partida a tipologia proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca e classificamos as estratégias argumentativas em narrativas e discursivas, observando não apenas seus efeitos de sentido no discurso mas suas funções na construção da significação dos textos. A citação e outras formas de intertextualidade foram os mecanismos escolhidos para ilustrar as funções narrativas da argumentação.

Palavras-chave: figuras de argumentação e retórica; intertextualidade; Semiótica.

Introdução

O objetivo principal deste trabalho é dar continuidade às reflexões iniciadas durante a elaboração de nossa tese *As figuras de argumentação como estratégias discursivas* (MARIANO, 2007). *Um estudo em avaliações no ensino superior*¹ e repensar as tipologias de figuras de argumentação e retórica à luz da Semiótica Narrativa e Discursiva de origem francesa, levando em consideração os níveis do percurso gerativo de sentido do texto. Para tanto, tomamos como ponto de partida a classificação proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca no *Tratado da Argumentação*. Partindo dessa tipologia, privilegiaremos a observação do uso de citações e de outras formas de intertextualidade, apontadas pela retórica, geralmente, como argumentos de autoridade e por Perelman e Olbrechts-Tyteca como possibilidade de figuras de comunhão.

Entretanto, ao observarmos o percurso gerativo de sentido, vemos que o intertexto não tem apenas funções discursivas, mas desempenha papéis também no nível narrativo do texto. Sob este ponto de vista, as diferentes formas de intertextualidade podem ser consideradas *estratégias de reforço*, e fazem parte do *fazer persuasivo* do sujeito destinador.

¹ Tese defendida em 2007 no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP e orientada pela Prof^a Dr^a Lineide do Lago Salvador Mosca.

Por meio da análise de textos diversos pretendemos refletir sobre esses papéis do intertexto na construção da significação. Com esta finalidade, retomamos, além dos conceitos citados, a noção de gênero discursivo de Bakhtin, que nos auxilia a identificar quando essas estratégias argumentativas constituem figura de argumentação e retórica e quando aparecem apenas como argumento esperado.

As figuras de argumentação e retórica e suas funções no texto

O estudo das figuras como uma volta às raízes aristotélicas

Um dos fatores que nos leva a afirmar que as neo-retóricas promoveram uma “volta às raízes” aristotélicas – como sublinha Mosca (2001, p. 17) – é a retomada e a valorização dos estudos sobre as figuras. Os neo-retóricos recuperaram a visão aristotélica de figura como técnica retórica e argumentativa, afastando a noção de figuras como ornamento e (re)ampliando o campo de análise desses estudos que havia se limitado à análise de textos literários entre os séculos XVII e XIX, principalmente neste último.

Assim, as figuras de argumentação e retórica oficializam como seu objetivo principal a persuasão, a adesão do outro. Entretanto, não é fácil estudá-las. As figuras são tantas quantas são as possibilidades de trabalho argumentativo de um sujeito e de efeitos de sentido na linguagem, ou seja, incalculáveis. Uma das tarefas das neo-retóricas é exatamente “enxugar” as extensas tipologias de figuras apresentadas nos antigos manuais de retórica, tomando como ponto de partida não apenas as diferenças estruturais entre elas, mas suas funções argumentativas.

Tendo em vista o triângulo da retórica que define os elementos do discurso persuasivo – *ethos*, *pathos* e *logos* – as figuras encaixam-se no *pathos*, que marca a busca de equilíbrio entre o *eu* e o *não-eu* e que pode ser definido como o lugar em que o orador constrói a imagem do auditório e a ele adapta seu discurso, escolhendo os argumentos adequados e estabelecendo as paixões.

Levando-se em consideração as partes componentes do sistema retórico, as figuras de argumentação cumprem a função de uma ponte entre o arranjo dos elementos linguísticos – a *dispositio* – e a representação do discurso pelo sujeito – a *actio*, situando-se, portanto, na *elocutio*, onde é feita a adequação do discurso ao auditório.

Dentre os estudos neo-retóricos sobre as figuras destacamos aqui, como já foi anunciado, a tipologia de Perelman e Olbrechts-Tyteca no *Tratado da Argumentação*, publicado originalmente em 1958. Nessa obra, definem-se duas características indispensáveis para a determinação de uma figura:

[...] uma estrutura discernível, independente do conteúdo, ou seja, uma forma (seja ela, conforme a distinção dos lógicos modernos, sintática, semântica ou pragmática), e um emprego que se afasta do modo normal de expressar-se e, com isso, chama a atenção (2002, p. 190).

Esse efeito de novidade produzido pela utilização da figura vem da quebra da leitura do senso comum, da *doxa*, ou seja, da subversão às normas preestabelecidas pelos simulacros do gênero, das situações e dos interlocutores.

Tendo em vista os efeitos concretos das figuras no discurso, Perelman e Olbrechts-Tyteca propuseram a seguinte classificação no *Tratado da Argumentação*:

- a. Figuras de escolha: procuram “impor ou sugerir uma caracterização” (GUIMARÃES, 2001, p. 153). Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 168 -185), toda escolha linguística e discursiva, geralmente, tem uma razão de ser e possui força argumentativa. Aqui se encaixariam a utilização de sinônimos, o uso de termos não habituais, as perífrases, a descrição, a opção por determinados tempos verbais e estruturas sintáticas etc.
- b. Figuras de presença: despertam o sentimento da “presença do objeto do discurso” na mente do orador e do auditório (GUIMARÃES, 2001, p. 154). Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p. 161- 168) chamam a atenção para a importância de se manter “no primeiro plano da consciência” o objeto do discurso. A repetição, a acumulação de relatos e o detalhamento podem ser utilizados como figuras de presença.
- c. Figuras de comunhão: têm como finalidade criar ou confirmar a comunhão com o auditório “por força de referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comuns entre o emissor do discurso e o ouvinte ou leitor” (GUIMARÃES, 2001, p. 156). Neste tipo de figuras, Perelman e Olbrechts-Tyteca situam o uso de linguagens particulares em comum, clichês, exemplos, alusão, citação etc.

Porém, nem sempre quando uma dessas formas é utilizada, pode ser considerada figura de argumentação e retórica.²

Quando temos e quando não temos uma figura de argumentação e retórica

Partindo da definição perelmaniana de figura como surpresa, e da teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin que os define como “tipos relativamente estáveis de enunciados” elaborados “por cada campo de utilização da língua” (2003, p. 261-306), caracterizados pelo uso regular de uma forma composicional, de temas específicos e de um certo estilo em determinadas situações comunicativas, mutáveis e ideológicos, já que relações e espaços diferentes podem fazer surgir um novo gênero ou modificar um já existente, chegamos à conclusão que não se deve falar em tipos de argumentos e figuras, mas em argumentos esperados e argumentos inesperados.

Observamos ao longo do desenvolvimento de nossa tese já citada que aquilo que é figura em um discurso pode não o ser em outro. As particularidades do gênero e da situação comunicativa devem ser seriamente levadas em consideração ao se falar em figuras, pois, além de evitarem análises precipitadas e equivocadas, pautadas na visão de tipologia

² Perelman e Olbrechts-Tyteca, no *Tratado da Argumentação*, já haviam percebido como é complicado estabelecer uma tipologia de figuras. Algumas passagens ilustram essa preocupação, dentre elas:

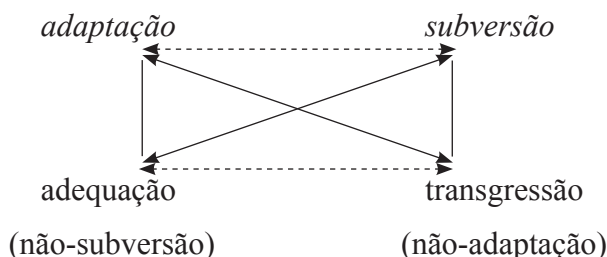
“Quem estuda os discursos do ponto de vista estrutural se acha diante de formas que parecerão, de imediato, figuras (por exemplo, a repetição) mas também formas que parecem normais (a interrogação, por exemplo) e que, não obstante, podem, em certos casos, ser consideradas figuras. O fato de que possam ou não ser consideradas figuras levanta imediatamente o problema sob seu aspecto mais delicado. Isso porque em princípio não há nenhuma estrutura que não seja suscetível de tornar-se figura por seu uso, mas não basta que um uso da língua seja incomum para que fiquemos autorizados a ver nele um figura.” (2002, p. 191)

como algo passível de ser transposto imediatamente para qualquer texto, situam a argumentação também no nível narrativo e não apenas no nível discursivo.

O percurso gerativo de sentido de Greimas prevê um nível abstrato composto por categorias semânticas básicas: o nível fundamental – um nível narrativo que evidencia a instauração de sujeitos e valores e as ações no texto –, e o nível discursivo, o mais concreto, que revela a instância de enunciação que envolve esses sujeitos. “Mas então todos os textos têm um nível narrativo?”, e vem a resposta: “Para a Semiótica, sim. É claro que é preciso entender a narratividade como qualquer transformação de estado. Implícita ou explicitamente, todos os textos trabalham com transformações” (FIORIN, 1999, p. 187).

Barros (1988) afirma que falta à tipologia perelmaniana de figuras de argumentação e retórica levar em consideração o percurso gerativo de sentido dos textos, na medida em que o autor belga não diferencia *procedimentos narrativos*, em que se encaixariam, por exemplo, os argumentos de autoridade, de *procedimentos discursivos*, relacionados à situação de enunciação. Desta forma, Barros situa a argumentação e as estratégias persuasivas não apenas no nível discursivo, mas nos planos sintáticos tanto do nível narrativo, quanto do nível discursivo.

Considerando a utilização dos argumentos esperados como uma adaptação ao gênero e à situação de enunciação e as figuras como uma subversão às coerções por eles impostas, podemos traçar o trabalho argumentativo do sujeito em um texto qualquer, inicialmente, no seguinte quadrado semiótico:



Nessa representação, a utilização de argumentos esperados está ligada à *adaptação*, isto é, ao ajustamento do discurso às coerções linguísticas e discursivas do gênero e do contexto comunicativo, enquanto a de argumentos inesperados, as figuras, relaciona-se à *subversão* dessas regras, à destabilização daquilo que é socialmente aceito e esperado de acordo com o gênero e a situação. A *adaptação* e a *subversão* constituem, aqui, a oposição básica entre termos contrários. Já a *não-adaptação* acontece quando há a *transgressão* dessa ordem, mas nem toda *transgressão* constitui uma figura, ou seja, leva à *subversão*, visto que para subverter uma ordem é necessário conhecê-la, mas para transgredi-la, não necessariamente. O outro termo contraditório é a *adequação*, que é a *não-subversão*, e que indica aqui o caminho para a *adaptação*, que a pressupõe, mas não é garantida por ela.

Tendo em vista tais possibilidades de trabalho argumentativo de um sujeito no texto, partimos para a classificação das estratégias argumentativas em narrativas e discursivas, prevendo possíveis transições, modificações e complementações. Definimos como estratégias narrativas aquelas que participam do PN (programa narrativo) de um texto como objetos positivos ou negativos oferecidos ao destinatário no percurso da manipulação (manipulação por tentação ou por intimidação), ou como sujeitos coadjuvantes a quem se pede auxílio para levar S2 (sujeito-destinatário) a entrar em conjunção com o Ov (objeto de valor) e

que podem estabelecer PN's secundários para cumprir essa tarefa. Evidenciam o *fazer persuasivo* do sujeito.

Já as estratégias discursivas são aquelas que, embora já inscritas no nível narrativo, concretizam-se na enunciação. São ligadas às instaurações de pessoa, tempo e espaço no texto e às manobras que tais instaurações permitem (embreagem e debreagem). Envolvem os aspectos culturais e ideológicos e são dependentes da construção do sentido pelo sujeito-destinatário. Compreendem, ainda, os mecanismos de sinestesia e as estratégias ligadas ao plano da expressão. Estão diretamente ligadas ao *fazer interpretativo*. As estratégias argumentativas malsucedidas, sejam elas narrativas ou discursivas, acabam desempenhando o papel de anti-sujeito no PN. Vejamos:

Estratégias argumentativas narrativas:

- Estratégias de reforço: relacionam-se às figuras de presença de Perelman e constituem sujeitos coadjuvantes que são convocados por S1 (destinador) para levar o destinatário S2 a entrar em conjunção com o Ov. Seu objetivo é reforçar o *fazer* buscado por S1, que leva à ação de S2. Constituem estratégias de reforço os mecanismos de intertextualidade e de metalinguagem de um modo geral, como a paráfrase, a citação, a retomada, a alusão, além da ilustração, dos exemplos e da acumulação de relatos. Na maioria das vezes, funcionam como manipulação por tentação.
- Estratégias de escolha: evidenciam os eixos sintagmático e paradigmático da linguagem e se relacionam às figuras de escolha de Perelman. Assim como definidas por ele, consistem nas escolhas feitas pelo destinador na elaboração do texto: o tipo de texto, a estrutura sintática, o registro e a norma linguística, as perífrases, a escolha lexical (palavras do cotidiano ou termos não habituais, neologismos, o uso de metaplasmos em geral), algumas estratégias semânticas (sinonímia, metáfora, metonímia, hipérbole e outras). Funcionam como manipulação por tentação, sendo utilizadas como objetos que o destinador considera interessantes para o destinatário.

Estratégias argumentativas discursivas:

- Estratégias de concretização: correspondem ao conceito de figurativização da semiótica discursiva e têm por objetivo concretizar sensorialmente os temas do texto por meio do detalhamento, da caracterização ou adjetivação, das descrições aprofundadas, de alguns usos de comparação, metáfora e exemplificação. Funcionam como manipulação por sedução ou por intimidação.
- Estratégias de interação: buscam a interação e a comunhão com o destinatário, com seu discurso e com o próprio discurso do sujeito-destinador. Funcionam como manipulação por tentação, sedução, intimidação ou por provocação. Essa interação pode se dar:
 - a) com o discurso: a opinião, a crítica e a autocrítica, a correção e a autocorreção, a modalização (como expressão de subjetividade). Neste uso, além da função discursiva, a estratégia pode evidenciar um PN secundário em que desempenha o papel de destinador-julgador.
 - b) com o auditório: a utilização de certos dêiticos na instauração de pessoa, tempo e espaço, o uso de elementos linguístico-discursivos que garantam a

subjetividade, as interjeições, o humor, a ironia, a modalização (como indícios de polidez linguística).

- Estratégias de apresentação: ligadas à *actio*, à expressão, auxiliam o plano do conteúdo na construção da significação e levam S2 a um *querer-fazer*: o tom de voz, a presença e a aparência, a disposição do texto, o tipo de fonte no texto impresso, a letra, as cores, as linguagens não-verbais nos textos sincréticos.

Em nossa tese analisamos provas escritas de estudantes ingressantes no curso de Letras. Nelas, a grande maioria das *estratégias de reforço* (como as citações) e *de escolha* (como o uso da linguagem formal e da norma padrão) eram estratégias esperadas e autorizadas pelo gênero e pela situação, assim como algumas *estratégias de apresentação* (estruturação do texto, ordem na colocação das respostas etc.). Constituíram estratégias inesperadas ou figuras de argumentação e retórica praticamente todas as *estratégias de interação com o auditório* e a maioria das *estratégias de interação com o discurso* (como as tentativas de diálogo com o professor, as justificativas pela resposta não oferecida ou o questionamento da matéria cobrada), além das *estratégias de concretização* e das *estratégias de apresentação* que envolveram o uso de linguagens não-verbais, com desenhos e cores.

Ao retomar textos vistos em aula e nos livros didáticos, o aluno convoca sujeitos coadjuvantes, com o peso de um argumento de autoridade, que reforçam suas colocações, ao mesmo tempo em que faz referência a conhecimentos compartilhados com os professores. Desse modo, as citações e alusões mostraram-se no *corpus* analisado como argumentos esperados e como estratégias tanto narrativas (*estratégias de reforço*) quanto discursivas (*estratégias de interação com o auditório*). Para esta comunicação específica resta-nos, pois, observar em outros textos se o mesmo acontece.

Em busca de intertextos – um passeio pelo mundo futebolístico

Um texto pode citar outro texto, e a esse mecanismo chamamos intertextualidade. Tem-se intertextualidade na referência explícita ou implícita a outros textos – epígrafe, citação, paráfrase, paródia, tradução, referência, alusão – do mesmo autor ou de outros autores, que pode ser recuperada ou identificada pelo leitor/ouvinte. A intertextualidade é considerada uma face do dialogismo³ e “concerne ao processo de construção, reprodução ou transformação do sentido” (FIORIN, 2003, p. 29). Quando explícita e facilmente identificada pelo interlocutor, ilustra o caráter polifônico⁴ da linguagem.

Entretanto, a intertextualidade não se define como um aspecto constitutivo da linguagem, enquanto a interdiscursividade é inerente a ela. Em outras palavras, a intertextualidade pressupõe a interdiscursividade, mas o contrário não é verdadeiro. Todos

³ O conceito de dialogismo bakhtiniano encerra em si diferentes formas de interação: a interação entre os interlocutores e a interação entre textos e aquilo que eles veiculam, os discursos. Todo enunciado retoma enunciados anteriores, prevê a resposta de um destinatário imaginado – que é co-produtor desse enunciado –, problematiza e reelabora as ideias retomadas (BAKHTIN, 2003, p. 294-295). O discurso caracteriza-se, pois, por sua heterogeneidade, assim como o sujeito que nele se deixa transparecer.

⁴ O texto polifônico é “aquele em que o dialogismo se deixa ver”, como aponta Barros (2001, p. 35). Todo texto carrega em si diferentes vozes, que transformam o discurso em “arena de luta”. A polifonia é definida, pois, como essas várias vozes que podem aparecer no texto.

os textos são fundamentados nos discursos que circulam na história e na sociedade, no entanto nem todo texto traz uma referência a esses outros textos.

A intertextualidade, presente no plano da manipulação consciente da linguagem, mostra-se como uma estratégia ao mesmo tempo narrativa e discursiva capaz de provocar diferentes efeitos de sentido no interlocutor. A citação, por exemplo, pode funcionar tanto como um argumento de autoridade e vir reforçar o ponto de vista colocado no texto pelo destinador (no nível narrativo), quanto pode estabelecer a comunhão com o destinatário no nível discursivo, no caso de fazer referência a um conhecimento em comum, a um interesse compartilhado. Fazer uso do intertexto é parte do trabalho do sujeito para persuadir o outro no *pathos*, e tem, pois, uma relação direta com o *fazer-criar*, com o *fazer-saber* e com o *fazer-fazer*.

A interdiscursividade, por sua vez, mesmo que de forma inconsciente, também garante a comunhão com o auditório, mas, nesse caso, um texto que veicula determinados discursos vai atingir o auditório que compartilha da mesma formação discursiva nele manifestada, ou seja, o auditório que se identifica com aquele discurso.

Segundo Koch (1991, p. 529-534), um texto pode ser retomado apenas em suas ideias e conceitos ou pode ser imitado ou parodiado com o objetivo de produzir determinado efeito de sentido. Pode-se, ainda, fazer uso do intertexto para dar continuidade à sua “orientação argumentativa”, como no argumento de autoridade, ou citar um texto para ridicularizá-lo ou questioná-lo.

A busca por manifestações intertextuais a serem analisadas neste trabalho, motivada pela paixão pelo futebol, levou-nos a uma leiga incursão por esse universo, dos campos ao jornalismo esportivo.⁵ Tendo em vista o parco tempo e espaço desta comunicação/artigo, nosso objetivo não é delimitar gêneros ou subgêneros jornalísticos, funções ou profissões ligadas ao jornalismo ou ao futebol, mas apenas buscar em textos desse universo citações de outros textos e refletir sobre sua função argumentativa.

Os chavões no futebol – intertextualidade ou interdiscursividade?

Para aqueles que gostam de futebol, basta um olhar mais minucioso e é possível identificar manifestações intertextuais diversas, e, sendo este um trabalho pontual, foi desta forma que escolhemos os dados a serem analisados. Observaremos alguns textos cujos PN's não serão descritos minuciosamente. Tratando-se de textos veiculados pela mídia e cujo tema é o futebol, basta definir que o sujeito-destinatário será o torcedor (leitor/ouvinte/telespectador). O destinador, por sua vez, pode ser a emissora (editora/equipe jornalística), e o Ov vai ser a audiência (tiragem/informação). Nesses PN's o destinador pode tanto querer levar o destinatário a *fazer, saber e/ou criar*.⁶

⁵ O futebol é tomado popularmente como uma paixão nacional. Optando, no momento, pela visão aristotélica de *paixão*, dizemos que ele, na verdade, desperta paixões, como a amizade, a alegria, a rivalidade, a cólera, a ira. Essas paixões são responsáveis por uma série de comportamentos daqueles que apreciam a arte de dominar a bola com os pés e, sendo estes em grande número no Brasil, acabam por influenciar também mesmo aqueles que não se interessam muito pelo ludopédio. Um bom exemplo disso são as manchetes de jornal sobre futebol que são colocadas, muitas vezes, em posição de destaque, precedendo assuntos como eleições presidenciais ou catástrofes mundiais. São as *paixões* mudando o julgamento sobre o que é ou não importante. É a emoção deixando de lado a razão, o que é de interesse de determinados destinadores, e sobre a qual podemos nos aprofundar em outra hora.

⁶ Tomamos como base a seguinte representação do PN: $S1 = (S2 \cup Ov \rightarrow S2 \cap Ov)$

Começaremos com a reflexão sobre um comentário feito por um locutor da Rede Globo de televisão, Cléber Machado, durante a narração do jogo Gana x Uruguai em 02/07/2010, valendo uma vaga nas semifinais da Copa do Mundo da África do Sul. Nos últimos minutos do segundo tempo da prorrogação, mantendo-se o resultado de 1x1, o jogador Asamoah Gyan, de Gana, acerta a bola no travessão em uma cobrança de pênalti. Cléber Machado comenta que, como diria um velho filósofo do futebol, quem não tenta, não erra. Partimos desse misto de citação e alusão em busca de um suposto dono da frase, que não encontramos, mas encontramos a figura de Nenê Prancha, roupeiro do time do Botafogo em meados do século passado, conhecido como “o filósofo da bola” e a quem se credita a autoria de algumas das frases mais conhecidas do futebol: “Futebol é uma caixinha de surpresas”, “Se concentração ganhasse jogo, time de presídio não perdia uma partida”, “Se macumba ganhasse jogo, campeonato baiano terminava sempre empatado”, “O importante é o principal, o resto é secundário”, “Uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa”.⁷

Em tese defendida em 2009 pelo Departamento de História da FFLCH-USP, Milliet Filho dedica um capítulo às máximas do futebol, e resgata outras figuras folclóricas além de Neném Prancha, como o jornalista e teatrólogo Nelson Rodrigues, o jornalista e técnico do Botafogo nos anos 50, João Saldanha, e o também técnico na mesma época, Gentil Cardoso, dentre outros, e frases também folclóricas desses “filósofos” como “Quem não faz, leva”, “A melhor defesa é o ataque” ou “Bola pro mato que o jogo é de campeonato”.

Com a popularização da arte de Leônidas, Domingos e Fausto, chegando, em meados da década de 1930, às esquinas, praças e campos das principais cidades do país, expande-se a imprensa especializada e aparecem seus primeiros grandes cronistas e conversadores. Estes últimos, responsáveis por várias máximas e expressões, são craques da oralidade, personagens da cidade, técnicos de clubes de bairro e da segunda divisão dos campeonatos locais, guardas de trânsito, garçons e, acima de tudo, apaixonados pelo futebol e torcedores fanáticos de um time. Em cada bairro um Sócrates do futebol...⁸

[...] Esses narradores *benjaminianos* [o autor lembra que Benjamin considera a experiência ou vivência a fornecedora de ideias e de histórias para o narrador] desenvolveram não só o futebol como linguagem, mas a linguagem como futebol. (MILLIET FILHO, 2009, p. 303)

No universo futebolístico, de um modo geral, a utilização dessas frases é mais do que comum, sendo, portanto, um argumento esperado, ou seja, não constitui figura de argumentação e retórica. O uso constante dessas máximas dificulta determinar se estamos diante de um intertexto ou de um interdiscurso. Aquilo que se mostrava inicialmente para nós como interdiscurso, depois de algumas informações, passou a ser intertexto. O que nos chegava apenas como *estratégia argumentativa de interação com o auditório*, como oferecimento de um objeto positivo para S2, um conhecimento em comum, passou a ser também uma *estratégia de reforço*, com a convocação de sujeitos coadjuvantes que possuem autoridade nesse universo, os filósofos da bola.

Ou seja, quando se fala em uso efetivo da linguagem, tanto é complicado determinar-se qual a fronteira entre intertextualidade e interdiscursividade (se é que existe uma fronteira

⁷ Diz-se que algumas das frases atribuídas a Neném Prancha eram de João Saldanha, mas este sempre preferiu que figurassem como obra do primeiro.

⁸ E aqui não podemos deixar passar despercebida a possível ambiguidade no uso do nome: Sócrates filósofo ou Sócrates jogador?

nítida, ou apenas um liame), quanto é difícil identificar a função de um argumento no texto, já que essa função é uma construção conjunta do destinador e do destinatário. Neste exemplo apresentado, o argumento de autoridade só será percebido pelo destinatário que souber quem foram os filósofos da bola, e que essas frases, tomadas como pertencentes a todo mundo, têm donos, pelo menos por enquanto.

Retomada da fala de um técnico - argumento de autoridade?

No rádio e na TV algumas modificações na forma e no estilo de programas esportivos têm oferecido uma profusão de estratégias argumentativas para tratar dessa paixão nacional. Algumas dessas estratégias têm causado o efeito de surpresa nos ouvintes e telespectadores, podendo ser vistas como figuras de argumentação e retórica.

Ao tradicional locutor das partidas de futebol, juntam-se hoje jovens apresentadores e apresentadoras-comentaristas (só a presença da mulher no mundo futebolístico já pode ser vista como figura) que investem no humor e na informalidade para atrair uma parcela significativa de telespectadores composta por jovens, adolescentes, crianças e mulheres, que não necessariamente viam graça nos programas esportivos de antanho.⁹

A tecnologia colaborou bastante para a modificação desse perfil dos programas esportivos. Hoje, na TV brasileira e internacional, além dos chamados canais abertos, há uma série de canais transmitidos via satélite ou por cabo e que são específicos para a transmissão de acontecimentos esportivos e para o comentário destes. O público atingido por esse tipo de transmissão no Brasil ainda não é o povo mais humilde, das classes populares, mas sim um público seletivo, exigente, o que leva a indústria da comunicação a investir na contratação de profissionais com a melhor formação profissional, boa linguagem e bom senso de humor.¹⁰ Aos poucos, essa mesma exigência vem modificando os programas dos canais abertos, e essas alterações têm chamado a atenção do público.¹¹

Destacamos aqui a recuperação, por um programa esportivo, de um comentário feito por Mário Jorge Lobo Zagallo durante a copa de 1974, uma das vezes em que foi

⁹ Cabe lembrar, no entanto, que, de modos diferentes, a informalidade e o humor são características já vistas nos programas e narrações esportivos, em particular de futebol, seja no rádio ou na TV, há algumas décadas, e aqui vale relembrar figuras de escolha utilizadas por locutores antigos que tornavam algumas narrações tão especiais, como as conhecidas expressões de Osmar Santos “Ripa na chulipa e pimba na gorduchinha!” (referindo-se ao chute na bola) ou “Chiroliroli, chirolirolá” (descrevendo uma sequência de dribles). No entanto, a noção do que é engraçado não é a mesma para todo mundo, em todos os tempos e em todas as ocasiões. Vê-se, em Travaglia (1990, p. 55), que uma das primeiras questões a serem colocadas quando se fala em humor é “O que é engraçado?”, mas que, assumindo-se uma postura discursiva do fenômeno, devemos perguntar: “O que é engraçado nesta situação?”. Tal mudança não representa apenas um simples acréscimo de palavras, mas representa a visão do humor como discurso e, como tal, inserido em uma sociedade e muito mais dependente das situações de produção, sujeitos, contextos, do que de propriedades linguísticas particulares. O humor encontra-se, desta forma, no mundo da argumentação, e busca, a partir do prazer, desvendar não necessariamente a verdade, mas verossimilhanças. O que era engraçado no jornalismo esportivo ontem provavelmente não faria sucesso hoje.

¹⁰ A boa apresentação (a aparência no geral: beleza, estilo de roupas e sapatos...) também é argumentativa nesse novo perfil dos programas esportivos. Relacionada à *actio*, merece uma atenção que não pode ser aprofundada no momento.

¹¹ Mesmo dentre os canais abertos já era possível observar essa mudança na relação com o esporte há algum tempo, mas naqueles que atendiam a um determinado segmento, como o MTV Brasil, direcionado para o público adolescente e jovem.

técnico da seleção brasileira. Na ocasião, o time da Holanda, o “carrossel holandês” ou a “laranja mecânica” (intertexto recuperado por poucos), surpreendia a maioria dos adversários com um futebol dinâmico, ao que Zagallo afirmou que o mesmo não aconteceria com o Brasil. Após uma derrota por 2x0 para a Holanda, Zagallo disse: “Aí sim, fomos surpreendidos novamente”.

A partir de meados de 2009 essa frase foi recuperada pela equipe de jornalismo esportivo da Rede Globo de televisão e passou a compor as edições diárias do programa *Globo Esporte*, que, naquela época, e ainda hoje, traz(ia) à frente como apresentador o jornalista Tiago Leifert.

A frase, retomada à exaustão e recontextualizada a cada edição para “comentar” episódios inusitados, inacreditáveis e engraçados do esporte, acabou virando um bordão repetido não mais apenas durante o programa, mas por telespectadores na comunicação cotidiana, ganhando ares divertidos, novos, e, na exibição do programa, tinha a função de estabelecer a comunhão entre o apresentador e os telespectadores, que “riam juntos”. Como vemos em Rosas (2003, p.138), quando rimos *de* alguém é porque não nos identificamos com ele e nos achamos superiores; já quando rimos *com* alguém é porque houve a identificação e o consideramos um igual.

Claro está que o uso dessa citação (a referência ao autor é explícita na medida em que sua imagem aparece cada vez que a frase é inserida no programa) não constitui um argumento de autoridade, apesar de se tratar de uma autoridade no futebol. Ducrot (apud KOCH, 2006, p. 155) coloca que “existe um argumento por autoridade” quando uma proposição aparece para valorizar ou reforçar o que outra proposição estava a dizer, “acrescentando-lhe um peso particular”. Não se pode dizer que é este o caso.

Zagallo não assume o papel de sujeito coadjuvante do destinador (equipe jornalística da Globo) na tarefa de levar o telespectador à audiência, mas sua fala pode ser vista no nível narrativo como uma *figura de escolha*. Sua presença não aparece como se esperava, como autoridade, e aí a *subversão*, mas vem para ajudar a construir o humor, esperado nesse novo perfil dos programas e apresentadores esportivos. Seu enunciado é oferecido como um objeto positivo ao destinatário no percurso da manipulação, consistindo em uma manipulação por tentativa, e funciona, no nível discursivo, como uma *figura de interação com o auditório*.

Literatura e música no futebol – figuras ou argumentos esperados?

Continuando essa vista d’olhos sobre o universo futebolístico, trazemos mais dois episódios recentes de utilização de intertextos em programas esportivos. Sabemos, de antemão, que a presença da literatura no futebol é inesperada, ao contrário do futebol na literatura, como nos mostram as crônicas de Nelson Rodrigues e Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo de Sérgio Porto, dentre outros.

Por volta de 1930, surgiram os primeiros jornais especializados. A crônica esportiva ganhou maior espaço.[...] E José Lins do Rego, Álvaro Moreyra e Otávio de Faria, exceções dentro de uma intelectualidade avessa ao tema, passaram a assinar crônicas sobre futebol. (MILLIET FILHO, 2009, p. 305)

Quanto à música, diríamos que sua presença não seria surpresa no futebol. Mas o que dizer se trouxéssemos nomes como Ary Barroso (que foi locutor esportivo nos anos 30 e 40 na Rádio Tupi), Lamartine Babo (compositor dos hinos dos principais clubes cariocas) ou Paulo Vanzolini?

O programa *Bom Dia África* foi veiculado diariamente no período da manhã pelo canal pago SporTV durante a Copa do Mundo da África do Sul em 2010, e apresentado por Fernanda Gentil e Gabriel Moojen. Na edição de 03/07/2010, dia seguinte à eliminação do Brasil na Copa, a apresentadora comenta que seu parceiro-apresentador havia chorado pela derrota da seleção. Gabriel Moojen responde desta forma: “Chorei, não procurei esconder, todos viram, fingiram, pena de mim não precisava, ali onde eu chorei qualquer um chorava”.

A música retomada, “Volta por cima”, é de autoria de Paulo Vanzolini, e foi composta no início dos anos 60. O apresentador do SporTV não cita o nome do compositor nem o nome da música, mas utiliza-se de um texto conhecido por grande parte dos brasileiros, ou, pelo menos, por grande parte dos telespectadores que, tendo acesso à TV paga, talvez possua também um conhecimento razoável da cultura brasileira. Como a fonte do intertexto não é explicitamente colocada, podemos classificar essa retomada como uma alusão, pois depende do destinatário e de seu conhecimento para a identificação da fonte. Apesar de, inicialmente, acreditarmos que a presença da música no futebol é algo normal, não há como negar que a recuperação dessa bela música pode causar o efeito de surpresa, de subversão. Assim, classificamos tal utilização como uma figura de argumentação e retórica, e afirmamos que sua importância é maior no nível discursivo do que no nível narrativo, tendo a função de estabelecer a interação com o auditório, tornando o sentimento de tristeza pela eliminação do Brasil na Copa algo comum entre destinador e destinatário, entre torcedores que são.

Ainda no período da Copa do Mundo de 2010, encontramos na última edição do programa *Central da Copa*, veiculado pela Rede Globo todas as noites e apresentado por Tiago Leifert, uma referência ao poema “E agora, José”, de Carlos Drummond de Andrade. Finalizando o ciclo de comentários sobre a Copa, o apresentador fala sobre o futuro da bola do Mundial, apelidada de Jabulani, e que ganhou manchetes por sua possível capacidade de mudança de rota, independente da vontade dos jogadores. Foi montada e editada uma sequência de cenas para a despedida da personagem Jabulani (com um grande número de intertextos significativos para alguns telespectadores, e que podem ser aprofundados em outra ocasião) e Tiago Leifert arremata o momento com a seguinte colocação:¹² “Como diria Carlos Drummond de Andrade: E agora, Jabulani? A festa acabou, a luz apagou, o polvo sumiu, a noite esfriou. E agora, Jabulani? E agora?”.

Apesar da referência explícita ao nome do poeta, o texto foi parodiado, imitado, com vistas a um determinado efeito de sentido, o humor, que, conforme já colocamos, tem se incorporado ao estilo dos programas esportivos. Essa graça só é identificada, ou plenamente identificada, se o destinatário conhece o texto original e é capaz de observar a prosopopeia que envolve a personagem Jabulani, preocupada com seu futuro, além da paronomásia na relação entre as palavras povo/polvo (esta última aludindo ao polvo vidente alemão chamado Paul, que teria acertado vários resultados de jogos da Copa de 2010, segundo a imprensa) e, ainda, a ambiguidade autorizada pela semelhança sonora entre povo e polvo, já que não apenas o polvo Paul sairia da mídia após a Copa, como

¹² http://www.youtube.com/watch?v=jiw-ADwsH_4

o povo, seguidor da Jabulani e de seus campos de atuação, também, metaforicamente, sumiria, retomando cada pessoa a sua rotina, em seus países de origem.

Mesmo sendo um nome conhecido, Drummond não aparece nesta utilização como um argumento de autoridade. No nível narrativo do texto, seu nome e a paródia de um de seus poemas mais conhecidos aparecem como objetos positivos oferecidos ao destinatário (*figuras de escolha*) e, apesar de tratar-se de um canal aberto, esse destinatário não é qualquer um, pois o que se oferece só pode ser significado por pessoas que tenham um mínimo de conhecimento literário e linguístico, além do conhecimento de mundo referente à Copa e ao futebol. Aludindo a um possível conhecimento compartilhado, no nível discursivo o intertexto funciona como *figura de interação com o auditório*.

Ainda a literatura no futebol – um exemplo da mídia impressa

A mídia impressa também se renovou na abordagem do tema futebol, com cadernos especializados e uma maior diversidade de textos. A crônica esportiva, por exemplo, apresentou na época da Copa de 2010 autores inusitados nesse tema. Um dos cronistas do caderno especial Copa 2010 do jornal *Folha de S.Paulo* foi o professor, cronista e apresentador Pasquale Cipro Neto, cuja popularidade, definitivamente, não veio dos conhecimentos esportivos. Em suas crônicas, a referência explícita ou implícita a outros textos mostrou-se uma constante.

Recortamos para observação um trecho da crônica “Casi lo de siempre”, publicada no dia 12/06/2010, durante a fase inicial do Mundial. Dentre variações de um mesmo tema, o autor comentava a partida entre México e a seleção anfitriã, África do Sul, em que a primeira seleção amargou um 1x0 da África do Sul até o final do segundo tempo, quando conseguiu empatar:

Quando se começava a confirmar o velho roteiro mexicano, que lembra um trecho do antológico sexto capítulo de “Quincas Borba”, de Machado de Assis (“*Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas*” – no meu caso, o sentimento era de compaixão), o México arrancou o empate, aos 34min do segundo tempo, com um gol de Fio Maravilha, digo, de Rafael Marquez. (NETO, 2010, p. D9)

Não desconhecendo a alusão aos dramalhões mexicanos ou a Fio Maravilha, centramo-nos na citação de Quincas Borba, que vem, de certo modo, finalizar este trabalho. Embora Machado não tenha escrito sobre o futebol, não conhecendo além de um protótipo do que viria a ser o real futebol, e não sendo, portanto, uma autoridade a ser tomada como sujeito coadjuvante, sabia muito bem falar das derrotas da vida, o que o tornaria um especialista no assunto. Sem dúvida, trazer um texto de Machado de Assis para um jogo entre México e África do Sul é inesperado, é figura, e atende a um público de futebol cada vez mais exigente. Um público que, espera o cronista, consiga identificar Machado como uma *figura de reforço* no nível narrativo, um argumento de autoridade na arte de falar sobre os percalços da vida, e como uma *figura de interação com o auditório*, um amigo comum ao autor e ao leitor, falando sobre assuntos comuns. Pelo menos essa é a esperança do autor.

Considerações finais

A partir das reflexões aqui propostas, esperamos ter evidenciado as funções não só discursivas mas também narrativas das estratégias argumentativas. Em particular, pretendemos mostrar como diferentes tipos de intertextualidade assumem essas funções narrativas e discursivas, participando da construção da significação do texto e provocando diferentes efeitos de sentido no discurso. Os intertextos, dependendo do autor do texto original, do gênero do texto que o retoma e de todas as variáveis enunciativas, são ou não esperados, constituem ou não argumentos de autoridade, funcionam ou não como figuras, provocam ou não *paixões*.

Essa primeira e rápida imersão no uso de procedimentos argumentativos no discurso futebolístico, mais do que trazer respostas, trouxe-nos o anseio de conhecer e falar mais sobre o assunto, e a certeza de que é possível trazer para o mundo acadêmico, em particular linguístico e discursivo, já que nas outras áreas de Humanas o assunto é bastante explorado, dados dessa paixão nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (Voloshinov). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. [1952-1953].
- BARROS, D. L. P. de. Retórica, Pragmática e Semiótica. *Linha d'água*, São Paulo, n. 5, p. 63-71, 1988.
- FIORIN, J. L. Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva. *DELTA*, São Paulo, v.15, n. 1, p.177-207, 1999.
- _____. Polifonia textual e discursiva. In: FIORIN, J. L.; BARROS, D. L. P. de (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. Em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 29-36.
- GUIMARÃES, E. Figuras de Retórica e Argumentação. In: MOSCA, L. do L. S. (Org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001. p.145-160.
- KOCH, I. G. V. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? *DELTA*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 529-541, 1991.
- _____. *Argumentação e Linguagem*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- MARIANO, M. R. C. P. *As Figuras de Argumentação como estratégias discursivas*. Um estudo em avaliações no ensino superior. 2007. 231 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MILLIET FILHO, R. *Cenários e personagens de uma arte popular: futebol brasileiro, hegemonia, narradores e sociedade civil*. 2009. 443 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MOSCA, L. do L. S. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: _____. (Org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 17- 54.

NETO, P. C. Casi lo de siempre. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12 jun. 2010. Caderno Copa 2010, p. D9.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. O. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. [1958].

ROSAS, M. Por uma teoria da tradução do humor. *DELTA*, São Paulo, v. 19, p. 133-161, 2003.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor na linguística. *DELTA*, São Paulo, v. 6, n. 1, p.55-82, 1990.

BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. p. 27-38.

_____. *Teoria Semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

BARTHES, R. A Retórica Antiga. In: COHEN, J. et al. (Orgs.) *Pesquisas Retóricas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p.147-221.